



Caminhos e descaminhos para construção da soberania alimentar nos territórios tradicionais pesqueiros de Brejo Grande/SE

Paths and obstacles to the construction of food sovereignty of traditional fishing territory in Brejo Grande / SE

CONCEIÇÃO SILVA, Heberty Ruan da¹; MENEZES, Sônia de Souza Mendonça²

¹ Universidade Federal de Sergipe, heberty.ruan@gmail.com; ² Universidade Federal de Sergipe, soniamendoncamenezes@gmail.com

Eixo temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: Os territórios tradicionais pesqueiros de Brejo Grande/SE apresentam na sua biodiversidade pluralidade de espécies animais e vegetais que contribuem para a construção e manutenção da soberania alimentar dos povos. Entretanto, nas últimas décadas a inserção de atividades econômicas neoliberais se tornaram uma ameaça aos ecossistemas e à soberania alimentar das comunidades tradicionais. O objetivo deste trabalho é refletir a relação entre soberania alimentar e biodiversidade nos territórios tradicionais pesqueiros de Brejo Grande/SE. Os procedimentos metodológicos referem-se à revisão bibliográfica e à pesquisa de campo composta por entrevista semiestruturada e registro fotográfico. Os avanços da carcinicultura provocaram a redução das espécies dos rios e manguezais. Além disso, o controle da vazão dos rios provocado pelas barragens está relacionado ao aumento da salinidade nos corpos hídricos, que modifica o ciclo de vida das espécies e dificulta a sobrevivência dos povos tradicionais.

Palavras-chave: Biodiversidade; Povos Tradicionais; Alimentos; Autonomia.

Keywords: Biodiversity; Traditional Peoples; Foods; Autonomy.

Abstract

The traditional fishing territories of Brejo Grande present in their biodiversity a plurality of animal and vegetable species that contribute to the construction and maintenance of the food sovereignty of the peoples. However, in the last decades the insertion of capitalist neoliberal activities threatens the ecosystems and food sovereignty of traditional communities. The objective of this work is to reflect the relationship between food sovereignty and biodiversity in the traditional fishing territories of Brejo Grande / SE. The methodological procedures refer to the bibliographical review and field surveys with observation, semi-structured interviews and photographic records. With the advances in shrimp farming we have identified the reduction of species of rivers and mangroves. In addition, control of river flow caused by dams allows the increase of salinity in water bodies which modifies the life cycle of the species and hinders the survival of traditional peoples.

Introdução

Refletir sobre a biodiversidade e sua relação com os povos tradicionais é, antes de tudo, compreender as tessituras socioambientais que privilegiam as dimensões existenciais, materiais, simbólicas e culturais empreendidas entre os sujeitos com o seu meio ambiente.



Diegues *et al.* (1999) interpreta que a análise da biodiversidade não deve considerar apenas o quantitativo populacional e a diversidade de espécies, mas, faz-se necessário contemplar as práticas culturais do homem relacionadas a esses aspectos naturais e os ecossistemas. As comunidades tradicionais apresentam relação de dependência e simbiose com os ecossistemas presentes nos seus territórios, uma vez que, a obtenção, a produção e o consumo de alimentos estão vinculados às práticas desenvolvidas que envolvem homem/natureza.

Para Claval (2014), as relações ecológicas dos povos com seu ambiente refletem diretamente em seu consumo alimentar. Nesta perspectiva, as práticas extrativistas para a busca do peixe, carnes e frutas de ambientes naturais são compostas por elos existenciais que ligam o homem aos seus territórios.

A terra é um elemento fundamental para a manutenção da soberania alimentar, pois é na relação homem/mulher/terra que os alimentos serão cultivados, extraídos e coletados “ser soberano é produzir, comercializar localmente, vinculado à cultura, ao modo de vida de cada povo, afastando a dependência dos grandes mercados que vêm os alimentos, a água, a natureza como mercadorias”. (ZANOTTO, 2017, p. 51). Essa união dos povos com a natureza proporciona a soberania alimentar das comunidades tradicionais, que se vincula ao autogerenciamento dos povos sobre o que devem consumir, onde e como produzir os seus alimentos. Assim “*is a process that adapts to the people and places where it is put in practice. Food Sovereignty means solidarity, not competition, and building a fairer world from the bottom up*”. (VIA CAMPESINA, 2018, p. 1). Os alimentos são produzidos de forma democrática e sob lógica distinta do modelo de produção neoliberalista dominante.

A biodiversidade exerce centralidade na construção e manutenção da soberania alimentar dos povos tradicionais, pois adquirem autonomia durante a produção e consumo de alimentos. O objetivo deste trabalho é refletir a relação entre soberania alimentar e biodiversidade nos territórios tradicionais pesqueiros do município de Brejo Grande/SE, e justifica-se pela necessidade do debate científico em meio as vivências dos conflitos socioambientais e seus efeitos negativos para a construção da soberania alimentar dos povos tradicionais no município.

Procedimentos metodológicos

Iniciamos a pesquisa com a revisão teórica acerca dos conceitos e temáticas relacionadas à biodiversidade, soberania alimentar e comunidades tradicionais, os quais consideramos fundamentais para a interpretação dos dados empíricos.

Para coleta de dados sobre as práticas produtivas e conflitos socioambientais foram realizadas cinco atividades de campo com duração média três dias/cada entre abril de 2018 e março de 2019, nas comunidades Brejão dos Negros, Carapitanga, Saramem e Resina, com respectivamente 3, 4, 2, 4 visitas.



Desenvolvemos todas as entrevistas (totalizando 23, com assinatura do Termo de Consentimento e Livre Esclarecido) com pescadores e marisqueiras e observações com roteiros semiestruturados; visitas guiadas por moradores locais aos ecossistemas manguezais e restinga; e navegação nos rios São Francisco e Parapuca, para compreendermos a dinâmica de vida, as práticas produtivas locais, e a dimensão da biodiversidade territorial; além disso, os registros fotográficos permearam todas as etapas da pesquisa de campo.

Resultados e discussões

Caminhos para construção da soberania alimentar

Localizadas no interior do sistema estuarino-lagunar do rio São Francisco, as comunidades tradicionais pesqueiras do município de Brejo Grande/SE dispõem da biodiversidade associada aos ecossistemas manguezais e restinga e também por corpos hídricos volumosos formados pelo rio São Francisco e seus afluentes, bem como pelas áreas embrejadas e lagoas.

Na pesquisa de campo, foi possível constatar que nesses espaços naturais os sujeitos desenvolvem práticas produtivas que têm como foco a busca por gêneros alimentícios para garantir a reprodução de seus grupos familiares. O extrativismo desenvolvido na restinga são responsáveis pela obtenção de frutos como coco, cambuí, ingá e guariju (Figura 01). Nos manguezais são coletadas espécies de crustáceos e moluscos, como guaiamun, unha-de-velho, ostra e aratu (Figura 01), caranguejos e sururu.



Figura 01. Gêneros alimentícios adquiridos na restinga e manguezal
Fonte: Pesquisas de Campo 2018/2019

Dos corpos hídricos, os sujeitos desenvolvem a pesca artesanal e capturam espécies de peixes como o pintado, curimã, camarupi, pescada, tainha, bagre, Mandin-amarelo, Pilombeta e Xaréu, além de camarões. Na comunidade de Brejão dos Negros desenvolvem atividades agrícolas, cultivam o feijão e a mandioca.



Os produtos coletados na natureza e cultivados são destinados para o consumo familiar e comunitário, fundamentadas nos saberes e fazeres transmitidos por gerações. Menezes e Cruz (2017, p. 34) asseveram “a produção e o consumo de alimentos tradicionais não se prende exclusivamente à necessidade ou manutenção biológica das famílias, mas também à sociabilidade, à cultura, às crenças e os hábitos alimentares arraigadas aos grupos sociais”. Com base nos dados coletados durante as entrevistas e a observação semiestruturadas, tornou-se notório que as comidas típicas que conformam os hábitos alimentares das comunidades tradicionais estão entrelaçadas por crenças, cultura e laços de sociabilidade que alicerçam a soberania alimentar.

Descaminhos para construção da soberania alimentar

Os impactos socioambientais das atividades econômicas neoliberais como a construção de barragens e da carcinicultura suscitaram e continuam a provocar transformações na biodiversidade e nos ecossistemas.

O rio São Francisco é alvo das intervenções com a construção de barragens, desde sua nascente na Serra da Canastra até a sua foz em Brejo Grande, o que mantém a vazão do rio controlada e reflete nas condições naturais do seu estuário. A baixa vazão tem contribuído na penetração da água do mar no leito do rio, elevando consideravelmente as taxas de salinidade, situação que de acordo com pescadores, tem afugentando espécies nativas de peixe.

Além das mudanças no rio São Francisco, nas últimas décadas avança a carcinicultura - consiste na criação de camarão em cativeiro. Nos territórios pesqueiros, a atividade tem provocado problemáticas, como o desmatamento de vastas áreas de manguezais, além da inserção de aditivos químicos no leito dos rios no momento da despesca dos camarões (Figura 02).



Figura 02. Tanque de carcinicultura.
Fonte: Pesquisa de Campo de abril 2018.

Para as comunidades tradicionais pesqueiras, o desmatamento do mangue significa redução das áreas de coleta de mariscos, afetando de forma direta as práticas produtivas dos sujeitos, que se veem obrigados a percorrerem maiores distâncias em busca de manguezal preservado, o que dificulta a reprodução socioeconômica. A



remoção do mangue afeta a liberdade de escolha dos locais onde se devem coletar os alimentos, a biodiversidade, e a soberania alimentar.

Conclusões

Os caminhos para a construção e manutenção da soberania alimentar nas comunidades tradicionais pesqueiras de Brejo Grande/SE são completamente dependentes dos recursos naturais presentes na restinga, manguezais e recursos hídricos. Entretanto, verifica-se descaminhos quando a existência e a reprodução de espécies são ameaçadas por atividades econômicas neoliberais, que são hegemônicas e afetam a autonomia e o autogerenciamento dos sujeitos no tocante ao acesso e à disponibilidade de alimentos na natureza.

Nesse sentido, sugerimos que para mitigar e minimizar os impactos causados pelas atividades econômicas neoliberais, o Estado brasileiro deveria proteger e valorizar as alternativas criadas pelos sujeitos. Por sua vez, os sujeitos precisam organizar as suas bases comunitárias para promover o fortalecimento da luta em defesa do modo de vida tradicional, preservação da biodiversidade e a manutenção da soberania alimentar.

Agradecimentos

A Fundação de Apoio à Pesquisa e Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC/SE), pelo fomento e financiamento pela concessão da bolsa de mestrado.

Referências bibliográficas

CLAVAL, Paul. **A geografia Cultural**. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

DIEGUES, Antônio Carlos et al. **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil**. São Paulo: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, 1999.

MENEZES, Sônia de S. M.; CRUZ, Fabiana T. da. Alimentos tradicionais como manifestação cultural na contemporaneidade. In: MENEZES, Sônia de S. M.; CRUZ, Fabiana T. da (Orgs.). **Estreitando o diálogo entre alimentos, tradição, cultura e consumo**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2017. p. 25-44.

VIA CAMPESINA. **Food Sovereignty Now! a guide to food sovereignty**. (2018) European coordination via campesina. Disponível em: <https://www.eurovia.org/food-sovereignty-now-an-in-depth-guide/> Acesso em: 10 out. de 2018.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia

Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



ZANOTTO, Rita. **Soberania alimentar como construção contra-hegemônica da via campesina:** Experiências no Brasil e na Bolívia. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2017.